março/2016
Ano XIX - Número 30
Distribuição gratuita

Jornal do Agrupamento de Escolas de Proença-a-Nova

Atividades
Pág.s 4 e 7

PES... a Mexer
Pág. 7

Entrevistas
Pág.s 14 a 16

Cantinho do Pré-Escolar e do 1º Ciclo
Pág.s 23 a 23

XI Estafeta Escolar
Pág. 24

AINDA NESTA EDIÇÃO:

S. Valentim Pág.5
Matemátika Pág.8
Visitas de Estudo Pág.9
Dom Quixote... ..... Pág.10
Notícias da Biblioteca Pág.17

Baile de Gala
Pág. 13

La Chandeleur
Los Reyes
Pág. 4

Desporto Escolar
Pág. 18

Eco-Escolas
Pág. 11

Professor Leonel Farinha

Na atualidade somos confrontados, quase diariamente, com opiniões e propostas que vão no sentido de atribuir novas funções e responsabilidades à Escola. Se os condutores não respeitam o código da estrada e o número de acidentes não diminui, deve a Escola promover o estudo do código da estrada; se as famílias se endividam para além do que podem pagar, a Escola deve proporcionar aos alunos conhecimentos básicos de economia; se a violência doméstica aumenta e causa um elevado número de vítimas todos os anos, deve a Escola promover uma educação para os valores. Poderia citar muitos mais exemplos que o leitor, certamente, conhece. Parece que tudo o que de mal acontece se fica a dever à falta de eficácia da Escola no cumprimento das suas atribuições.

Quando comecei a frequentar a Escola, ninguém me deu a conhecer qualquer regulamento interno nem me fez qualquer recomendação. Eu já sabia que tinha que utilizar os equipamentos com responsabilidade; que tinha de cumprir horários e que, se não estivesse à porta da sala de aula no horário previsto, não entrava; que dentro da sala de aula tinha de ter um comportamento adequado; que tinha de respeitar o professor e obedecer às suas recomendações; que tinha de respeitar todos os funcionários que asseguravam o normal funcionamento da escola... Quando obtive a carta de condução e me tornei condutor de veículos, tinha a consciência da necessidade do cumprimento de certas regras para não pôr em risco a minha vida e a dos outros. Relativamente ao dinheiro, sempre soube que teria de pagar, com juros, o que pedisse emprestado.

Então o que terá mudado para que seja necessário que a Escola tenha, agora, de transmitir estes valores que, para mim, sempre foram tão óbvios?

Mudou a sociedade e mudaram as famílias. Desde pequeno que ouço dizer: "a educação traz-se de casa". A sociedade impõe padrões de consumo que só são suportáveis estando a mãe e o pai a trabalhar. Por outro lado, as pessoas querem tudo e já. Já lá vai o tempo em que se dizia: "Queres assentar praça em general? Tens de começar por soldado raso". É natural que os pais não tenham tempo e disponibilidade para educar os filhos, tarefa difícil e de longa duração. Como custa explicar às crianças porque se diz não, muitos pais não educam – compram vontades. É difícil a Escola cumprir esta função. Quantos de nós, professores, passamos um ano inteiro a remar contra a maré, tentando incutir nos alunos os valores da responsabilidade, tolerância e solidariedade, sem quaisquer efeitos visíveis no final do ano?

Vejo com ceticismo os resultados destas múltiplas funções atribuídas à Escola. O agricultor sabe que, se a terra não estiver "pronta", a semente ou não germina ou dá origem a uma planta raquítica que não dará fruto. Se as famílias não desempenharem o seu papel e não reconhecerem e apoiarem o trabalho dos professores, o resultado obtido é nulo. Conheço pais que, em vez de optarem por uma carreira mais aliciante, se decidiram por um trabalho que lhes deixasse mais tempo para acompanhar e educar adequadamente os filhos, com resultados visíveis. É uma opção que, provavelmente, não está ao alcance de todos.

E "quem toca muitos burros, algum fica para trás", sempre ouvi dizer. No meio desta profusão de funções atribuídas à Escola, acaba por diluir-se a sua função principal – ministrar instrução formativa e disciplinada, sinónimo de educação que não se esgota na Escola mas se completa na Família e na Sociedade. Recorde-se que, no início, a tutela designava-se por Ministério da Instrução. É claro que hoje a Escola não tem apenas essa faceta, mas não deixa de ser a principal. Concordo que devemos reprimir os comportamentos antissociais e promover, com o exemplo, os valores da tolerância, responsabilidade e solidariedade. No entanto, continuo a pensar que a minha função principal, como professor, é proporcionar aos alunos os conhecimentos necessários para que possam progredir nas suas aprendizagens futuras.

Ultimamente tem sido referida a possibilidade da permanência na Escola dos alunos dos 2º e 3º ciclos até às 19h30 min. Os nossos alunos já são dos que, a nível europeu, têm maior carga horária. Porquê mantê-los mais tempo na Escola? A fazer o quê? Acompanhados por quem? Reconheço que esta solução pode resolver alguns problemas aos pais. Mas será esse o caminho mais correto? Não será tempo de a sociedade pensar a sério na questão da natalidade e proporcionar aos pais o tempo necessário para poderem educar os filhos? Que cidadãos estamos a preparar para o futuro?

Aos professores é exigido que assumam inúmeros papéis que, obviamente, não conseguem assumir. É um cansaço e desgaste diário que tem reflexos no seu trabalho e saúde física e mental. Quem, ao fim de um dia de trabalho, olhar com alguma atenção para a cara dos colegas na sala de professores, não descobre motivos para sorrir...!

Prof.ª Teresinha Catarino

O PRAZER DA LEITURA...

A exemplo do que tem ocorrido em anos anteriores, o Plano Nacional de Leitura [PNL], em articulação com a Rede de Bibliotecas Escolares [RBE], a Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas (DGLAB), o Camões I.P. e a RTP, organizou, este ano, a 10ª Edição do Concurso Nacional de Leitura [CNL] que tem lugar entre o dia 20 de Outubro de 2015, data oficial de abertura, e o final do terceiro período letivo. O concurso está aberto a alunos do 3º Ciclo e do Ensino Secundário e desenvolve-se em três fases: 1ª Fase – Escolas | 2º Fase – Distrital |3ª Fase – Final Nacional.

Tendo consciência das potencialidades que a atividade apresenta na motivação dos alunos para a leitura e, consequentemente, para uma melhor apropriação de vocabulário mais vasto e mais rico, bem como para a escrita e para a capacidade de expressão oral, os professores de português selecionaram as duas obras sobre as quais incidiriam as perguntas da fase escolar: *Diário de Anne Frank*, para o 3º Ciclo e, *Estórias Abensonhadas,* de Mia Couto, para o Secundário, divulgando o respetivo Regulamento e incentivando a participação dos alunos.

A 1ª fase a nível da escola teve lugar no dia 13 de janeiro. Apesar dos constrangimentos verificados pelo facto de a data ter coincidido com a realização de outras atividades na nossa escola, no âmbito da matemática, do clube de música e do desporto escolar, impedindo, assim, a participação de mais alunos do terceiro ciclo, os objetivos foram atingidos, uma vez que, mesmo alguns alunos do 3º Ciclo que não participaram no concurso, revelaram interesse pela leitura da obra escolhida. Todavia, ao nível do Secundário, a adesão dos alunos continuou a ser diminuta.

As vencedoras desta fase e que representarão a nossa escola na fase distrital, no dia 13 de abril, em Belmonte, são as seguintes alunas: Carolina Maria Rodrigues, 9º B; Benedita Eisele Cabral Vaz André, 7º B; Madalena Eisele Cabral Vaz André, 9º B; Fabienne Cardoso Ramos, 12º A; Filipa Belo Morgado Duarte, 10º B e Inês Filipa Ribeiro Alves, 11º A.

A todos os participantes, a nossa homenagem pelo espírito de iniciativa e empenho demonstrados.

Associação de Estudantes

SE EU FOSSE...

Como Associação de Estudantes, decidimos inquirir alguns colegas nossos, a fim de comparar as suas respostas. Ocorreu-nos que os alunos gostassem de dar sugestões à Escola portanto, aos mais novos, perguntámos: **"O que mudarias se fosses Diretor/a deste Agrupamento de Escolas?"**. Já para os mais velhos, a pergunta foi: **"O que mudarias se fosses o/a Presidente da República?"**, visto que estão já mais conscientes deste assunto e porque as recentes eleições presidenciais foram muito faladas. As respostas foram as seguintes:

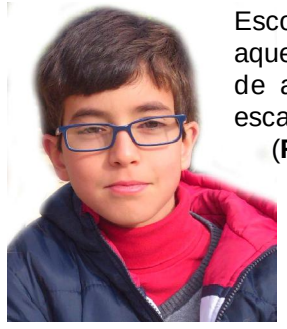
"Se eu fosse Presidente da República, ajudava as pessoas mais necessitadas. Tentava aumentar os rendimentos e diminuir as despesas, de modo a oferecer melhores condições de vida à população portuguesa."
(**David Sequeira, 8ºA**)

"Se eu fosse Diretor da Escola, melhorava a internet da escola e, também, as redes das balizas e os cestos de basquete."
(**Bruno Santos, 7ºA**)

"Se eu fosse Presidente da República, promovia estágios para jovens em empresas privadas para que, no final da experiência, essa mesma empresa pudesse garantir emprego aos estagiários. Retirava também algumas regalias que os políticos atualmente têm, aumentando o salário mínimo."
(**Inês Mendonça, 9ºB**)

"Se eu fosse Diretora da Escola, mudava os quadros das salas para ser mais fácil escrever neles e acrescentava uma disciplina de teatro e dança."
(**Matilde Simões, 5ºA**)

"Se eu fosse Presidente da República, investia nos jovens pois eles são o futuro do nosso país. Tomava medidas que os ajudassem a arranjar emprego e ocupações em Portugal; assim, provavelmente, não haveria tantos jovens a emigrar, como se tem observado ultimamente."
(**Sara Manso, 8ºA**)



"Se eu fosse Diretor da Escola, colocava mais aquecedores nas salas de aula e slides nas escadas da escola."
(**Rafael Avelar, 6ºB**)

"Se eu fosse Presidente da República, diminuía o número de deputados na Assembleia da República, pois há demasiadas pessoas, o que complica tudo, visto que é mais difícil chegar a um consenso nos assuntos discutidos acerca do nosso país."
(**Madalena André, 9ºB**)

"Se eu fosse Diretor da Escola, construía um parque de diversões dentro da escola e melhorava os campos de jogos."
(**Tiago Correia, 6ºC**)

ANEDOTA

Num teste de Física, o professor pediu para os alunos enunciarem o Princípio de Arquimedes:

A menina Aninhas escreveu: "Arquimedes saiu à rua, gritou e apercebeu-se do eco que fazia ao gritar. Daí concluiu que o som se prolonga no ar, mas aos poucos vai desaparecendo."

O menino Pedrinho afirmou: "O Princípio de Arquimedes foi quando Arquimedes saiu à rua, todo nu, a gritar: 'Eureka!' 'Eureka!', pois quando o ourives fez a coroa não usou apenas ouro, mas também tinha colocado outros materiais. Ao entrar na banheira, saiu muita água e pôs-se a pensar, descobrindo que o ourives era ladrão."

ADIVINHA

Numa aula, o professor perguntou qual era a diferença entre o peso e a massa.
O menino Carlinhos respondeu: "A massa é o que tem por dentro e o peso é o que temos por fora."

Prof.s Domingos Espírito Santo e Eduardo Miguel

XIVª COLHEITA DE SANGUE

No passado dia 18 de março, realizou-se a XIVª Colheita de Sangue organizada pela nossa escola, em colaboração com o Centro de Sangue e da Transplantação de Coimbra. Este ano contou com o apoio dos alunos do 2º Ano do curso profissional de Técnico de Proteção Civil.

Registou-se uma participação da população (escolar e não escolar) bastante positiva, embora ligeiramente inferior ao ano passado. Para que conste, num total de 51 inscritos/voluntários registaram-se 43 colheitas e 8 voluntários suspensos por não reunirem de momento os requisitos para dádiva.

Para o ano cá estaremos com a mesma vontade de ajudar e de tentar melhorar a participação deste ano.

"DÁDIVA DE HOJE, PELA VIDA DE AMANHÃ"
A todos os voluntários o nosso Bem-Haja.

Atividades...

Professores Ana Rita Ruivo, São Marçal e Eduardo Miguel

LOS REYES

Na entrada de mais um ano, a tradição repete-se e, mais uma vez, "*Los Reyes*" alegraram a Escola!

Os alunos de Espanhol decoraram postais e escreveram mensagens alusivas a "*Los Reyes*", oferecendo-os a um amigo secreto, na sua turma. A atividade decorreu num clima de ansiedade e curiosidade para saber quem ofereceria o postal a quem!

Tal como em Espanha, também os alunos de Espanhol receberam um miminho *muy dulce* neste dia, oferecido pelos "*Reyes Magos*"... aqueles que existem de verdade!

E não podia faltar a iguaria das iguarias deste dia real, o "*Roscón de Reyes*".

Na sala de professores houve uma degustação preparada pelos alunos da sala de apoio/projeto Escola BioAromas e seus professores e a ajuda dos amigos da Estrela Doce que novamente foram os pasteleiros. Tudo combinado para o intervalo da manhã do dia 6 de janeiro, quarta-feira. A mesa ficou recheada com o tradicional Bolo-Rei com frutas cristalizadas, o bolo Rainha, o Bolo Rei Escangalhado e o Bolo Rei com Chocolate. Respeitando a tradição de "*nuestros hermanos*" degustou-se "*polvorones*", "*mazapanes*", "*churros*" e "*chocolate caliente*".

A decoração também foi esmerada: os Reis Magos iluminados pelas nossas velas, com castiçais de pau de canela, chegaram ao Menino. O presépio foi o nosso que esteve na montra do amigo Pereira durante o período festivo. O cartão dos Reis, criado pelos alunos em Comunicação, dava as Boas Festas. No ar pairava um aroma irresistível vindo das nossas infusões de Hortelã-Menta, Erva Príncipe e da mistura "Chá da Perdição".

A degustação, aberta a todos os docentes, assistentes e auxiliares da escola, foi um alegre corrupio. Motivados pelas variedades das iguarias apresentadas, quiseram provar de tudo. Grande tentação e o tempo, e a barriga, não perdoam.

¡*El año que viene repetimos*!

¡*Buen año nuevo*!

LA CHANDELEUR

Madalena André, 9ºB

No passado dia 2 de fevereiro, na disciplina de Francês, comemorou-se "la Chandeleur" na escola. Esta atividade, de natureza cultural, pretendeu dar a conhecer um pouco desta tradição francesa.

Este dia é festejado passados 40 dias depois do Natal. O nome "La Chandeleur" é derivado do latim (*candelaria* – candeia) e a sua origem remonta à Antiguidade Romana em que se fazia uma festa em honra do deus Pan, deus dos bosques, dos campos, dos rebanhos e dos pastores. Durante essa festa, à noite, os fiéis andavam nas ruas com tochas. A partir do século XIV, esta festa passa a ser associada a Nossa Senhora das Candeias. Hoje em dia, a tradição é fazer-se crepes que,

pela sua forma redonda e pela sua cor dourada, fazem lembrar o sol e são como que um apelo ao regresso da primavera, após o inverno.

Há um ritual interessante associado à confeção dos crepes: fazer saltar os crepes, com a mão direita e ter, na mão esquerda, uma moeda, para trazer prosperidade e abundância durante todo o ano. Há também a superstição de que o primeiro crepe não deve ser comido mas, antes, guardado para dar sorte e para que as colheitas sejam abundantes.

Assim sendo, as várias turmas repartiram as tarefas pelos alunos das mesmas, de maneira a ser possível o festejo. Alguns dos alunos ficaram encarregados de fazer crepes, outros de comprar recheios como mel, chocolate, açúcar e canela ou geleia. Outros, ainda, ficaram de arranjar uma bebida especial bastante conhecida em França como "Sirop" que, desta vez, foi de "grenadine" (frutos vermelhos).

Este ano, o "lanche" foi feito pela turma e comido na sala de aula, num ambiente descontraído e agradável. Para acompanhar os deliciosos crepes, ouvimos ainda música francesa!

Estando todos de barriga cheia, os restantes crepes foram partilhados com a comunidade escolar (professores, alunos, funcionários e grupo de jovens da Missão País).

Menu de La Chandeleur

Entrada:
Crème Vichyssoisse

Prato principal:
Canard à l'orange aux pommes noisettes avec de la salade de laitue, tomates et carottes.

Dessert:
Flan pâtissier

Boisson:
limonade/eau

Atividades...

Diana Isabel Cardoso, Clube Europeu

DIA DE S. VALENTIM

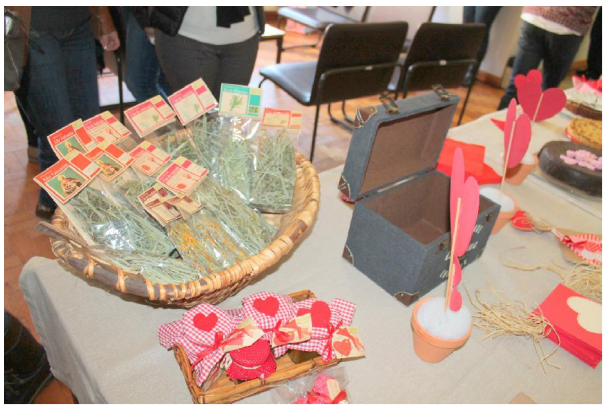
No dia 15 de fevereiro, na nossa escola, o amor andou no ar... o Clube Europeu, em colaboração com o projeto BioAromas e com a Associação de Estudantes, comemorou o Dia de S. Valentim.

Para celebrar o dia mais romântico do ano, alunos, funcionários e professores, expressaram os seus sentimentos, participando nas várias atividades desenvolvidas.

O Clube Europeu e o BioAromas decoraram o refeitório, a sala de convívio dos alunos, as entradas dos diferentes blocos e a sala de professores. Corações preencheram o bar e a cantina, lançando chamas de amor e carinho por toda a escola. Foi servido um lanche na sala dos professores, recheado de bolos e doces apetitosos, acompanhados com o *Chá da Perdição* e a *Compota de S. Valentim*.

A Associação de estudantes promoveu a venda e entrega de cartões escritos pelos amigos e apaixonados nos quais puderam demonstrar os afetos, acompanhados por um coração em forma de bolacha.

Este dia superou as nossas expetativas pois foi bem acolhido por todos, dando um pouco de cor, paixão, amizade e alegria à nossa escola.



Professores e Alunos, BioAromas

DOCE SÃO VALENTIM

A fim de preparar a comemoração do Dia do Amor e da Amizade (14 de fevereiro), os alunos, professores e assistente operacional do Projeto Escola BioAromas, com a colaboração da professora Isabel Fernandes, confecionaram o Doce São Valentim.

Em aulas anteriores pesquisaram-se possíveis receitas, até que foi elaborada uma totalmente nossa para o "Doce São Valentim". A abóbora foi oferta do nosso amigo Pereira. Os alunos, com a lista de compras, foram aos espaços comerciais adquirir os ingredientes. Foi para alguns uma novidade a estrela de anis, o cravo-da-índia e o gengibre. Nesta atividade, os alunos puderam colecionar referências sensoriais. Conheceram, tocaram, cheiraram e saborearam estes ingredientes mais exóticos utilizados na receita. Aumentaram, assim, o leque de sabores e texturas seus conhecidos.

Pesar

Laranja

Laranja

Açúcar

Canela

Gengibre

Côco

Panela

Provar

Segue-se a receita para quem quiser arriscar...

DOCE SÃO VALENTIM

Ingredientes:

- 1kg de abóbora limpa em cubos
- 600 g de açúcar
- 2 paus de canela
- 3 estrelas de anis
- 3 cravinhos
- 1,5 colher de chá de gengibre em pó
- sumo de 1 laranja
- raspa de 2 laranjas
- 1 chávenas de coco ralado

Preparação:

Limpe e arranje a abóbora.

Corte em cubos. Leve ao lume uma panela com a abóbora, o açúcar, o sumo, a casca da laranja, o pau de canela, os cravinhos e o anis.

Quando a abóbora estiver um pouco desfeita e a calda engrossada, junte o coco e deixe mais uns 10 minutos em lume brando. Assim que obtiver o ponto estrada, retire as especiarias (ou não, se gostar de as ver dentro dos frascos).

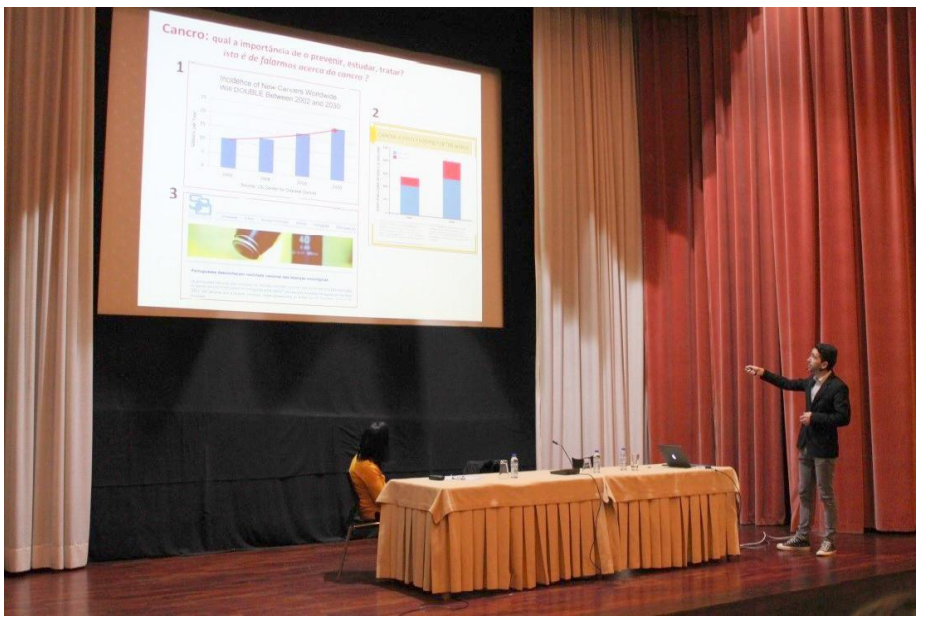
Guarde dentro de frascos, previamente esterilizados, feche-os com o doce ainda quente e coloque-os com a tampa voltada para baixo.

Boa degustação.

Atividades...

Diogo Ribeiro e Filipa Duarte, 10ºB

PROJETO DE EDUCAÇÃO SEXUAL DAS TURMAS DO ENSINO SECUNDÁRIO



No âmbito do Projeto de Educação Sexual, as turmas do Ensino Secundário deslocaram-se, no dia 19 de fevereiro, ao Auditório Municipal, a fim de assistir a uma sessão de esclarecimento sobre o cancro do colo do útero. A palestra foi orientada pelo Dr. Rui Nobre, especializado nesta área.

Licenciado em Biologia pela Universidade de Coimbra, o Dr. Rui Nobre iniciou a sua investigação na área das Ciências da Saúde completando, posteriormente, um doutoramento na Faculdade de Farmácia, cuja tese de investigação teve como assunto o HPV – o principal vírus causador deste tipo de cancro.

Atualmente, entre a criação de uma empresa denominada Infogene e um pós-doutoramento no centro de Neurociências e Biologia Celular da Universidade de Coimbra, tem inúmeros trabalhos publicados. Dinamiza, ainda, vários *workshops* sobre o tema e já foi, até, distinguido com diversos prémios.

Durante a sua interessante apresentação, os alunos aprenderam mais sobre aspetos que desconheciam e, ficaram mais conscientes das causas e riscos do cancro do colo do útero, através de uma linguagem acessível. Em constante interação, alunos e professores puderam dialogar e esclarecer todas as suas dúvidas, sendo o balanço final bastante positivo.

Professores e Alunos - Projeto BioAromas

BOCCIA

O dia 20 de janeiro foi um dia grande para a modalidade de Boccia. Reencontramos os Amigos de outras escolas. A Amato Lusitano, a APPACDM e a Sertã, foram nossas convidadas no Pavilhão Municipal onde decorreram os jogos individuais, fase local.

No final ficaram apurados 4 alunos 11 e I2 - cadeira de rodas com e sem rampa e mais 7 alunos I3 - individuais de pé. Estes irão competir na fase distrital que se irá realizar em Castelo Branco.

Parabéns a todos os participantes, colaboradores e aos apurados. Agradecemos, também, aos nossos amigos: Graficaproencense e ao Centro Ciência Viva da Floresta que connosco foram parceiros.

No dia 2 de março, o grupo de Desporto Escolar Adaptado BOCCIA participou na segunda concentração de Boccia – Divisão II – Equipas E1 e E2, organizada pelo Agrupamento de Escolas da Sertã.

A nossa equipa foi muito bem recebida na Escola Básica e tivemos um desempenho meritório. O *fair play* e a alegria de jogar permitiram-nos uma excelente posição e o apuramento para o Encontro Distrital a realizar em Castelo Branco.

Agora, aguardamos a nossa participação no Encontro Distrital, no dia 6 de abril e esperamos que o desempenho também seja meritoriamente premiado.

Atividades...

EQUIPA PES

PES... A MEXER

Na semana de 18 a 22 de janeiro de 2016, decorreu a semana PES... A MEXER, promovida pelo Projeto de Educação para a Saúde (PES), onde foram desenvolvidas várias atividades relacionadas com alimentação e hábitos de vida saudável tendo, como público alvo, os alunos dos 2º e 3º ciclos de escolaridade.

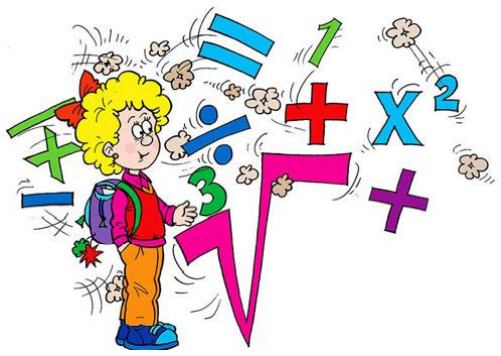
Durante a referida semana, nas aulas de ciências naturais, os alunos exploraram pequenos vídeos didáticos onde puderam constatar os malefícios do açúcar na nossa alimentação, tendo também sido alertados para a importância dos rótulos nos produtos alimentares. O ponto alto desta semana teve lugar no dia 20 de janeiro, uma vez que os alunos puderam degustar uma ementa vegetariana, almoço "Bué Saboroso", e, na parte da tarde, aliando a alimentação saudável a uma vertente mais desportiva, os alunos participaram, em equipas, num conjunto de jogos tradicionais e numa aula ao ar livre de Zumba.

De salientar que, depois da participação dos alunos nos jogos tradicionais, tiveram acesso à Banca Vitaminada onde lhes foi fornecido um pequeno lanche constituído por uma garrafa de água, um produto lácteo e uma peça de fruta.

A atividade, acima descrita, teve os apoios do Município de Proença-a-Nova, com a oferta de T-shirts alusivas ao tema da atividade e, também, da Associação de Pais e Encarregados de Educação de Proença-a-Nova, com a oferta de frutas variadas (maçã, pera e banana).

Os alunos participaram com bastante entusiasmo, o que motiva a equipa PES para próximas atividades que tenham, como esta, também o objetivo de fazer a interligação escola-família, passando mensagens relacionadas com a adoção de hábitos de vida saudável.

Cantinho da Matemátika



O Grupo de Matemática

NOTÍCIAS

No passado dia 16 de dezembro de 2015, realizou-se a Tarde de Jogos Matemáticos, promovida pelo Grupo 500 (Matemática) onde os alunos exploraram os jogos: Ouri, Triominos, Abalone, Xadrez, Pylos, Quarto, Reversi e Solitário.

Esta atividade contou com uma adesão significativa por parte dos alunos.

Durante o 2º período, fez-se o apuramento dos alunos que irão disputar a final nacional "online" dos jogos: SuperTmatik Cálculo Mental e Matemática, e foram os seguintes:

Afonso Rodrigues (8º ano), Francisco Cardoso (8º ano) e Gabriela Ribeiro (9º ano) - SuperTmatik Cálculo Mental; Afonso Rodrigues (8 º ano) e Francisco Cardoso (8º ano) - SuperTmatik Matemática.

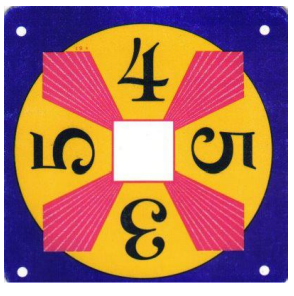
Recordamos que todos os alunos poderão realizar sessões de ambientação "online", de 21 de março a 15 de abril 2016. Para isso, deverão consultar o site www.eudactica.com – separador "Competição"l. A grande final "online" decorrerá entre 18 de abril e 06 de maio 2016.

No dia 13 de janeiro de 2016, decorreu, no Instituto S. Tiago, em Sobreira Formosa, a segunda eliminatória da XXXIV edição das Olimpíadas Portuguesas de Matemática que contou com a participação dos alunos: Afonso Ribeiro (7º B), Inês Lobo - 8º A, Luís Lourenço (10º A) e João Farinha (11º A).

No *Carpe*MAT, uma iniciativa do Departamento de Matemática da Universidade da Beira Interior que pretende promover o gosto pela Matemática e a habilidade para a resolução de problemas matemáticos entre os alunos do ensino secundário. Estão a participar os alunos: Luís Lourenço (10º A), Francisco Ribeiro (12º A) e Jorge Martins (12º A).

Este concurso consta de três fichas com dois problemas, tendo os referidos alunos realizado já a primeira.

No dia 16 de março realizou-se, durante a tarde, o Campeonato do Escolar do Jogo do 24 – 3º ciclo. Esta atividade contou com catorze concorrentes e com alguns alunos como coordenadores de mesa. Foram realizadas três rondas, tendo chegado à final os alunos: Tiago Cardoso (8ºA), Ricardo Cardoso (9º A), Tomaz Sequeira (8º B) e Gabriela Ribeiro (9º C); sagrando-se vencedores com a mesma pontuação os alunos: Tomaz Sequeira e Tiago Cardoso.



No dia 17 de março, ocorreu, na escola, mais uma edição do Canguru Matemático Sem Fronteiras, onde participaram alunos do 2º ao 12º ano. A associação Canguru sem Fronteiras estende-se a vários países, sendo assim de carácter internacional e juntando personalidades do

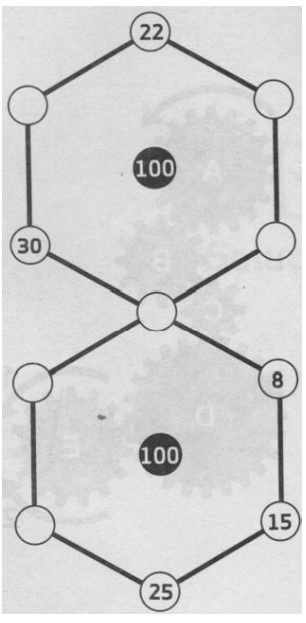
mundo da Matemática de diversos países. O seu objetivo é promover a divulgação da Matemática elementar por todos os meios ao seu alcance e, em particular, pela organização deste concurso. Em Portugal, a organização desta atividade está a cargo da Sociedade Portuguesa de Matemática e a nossa Escola participa neste concurso há já vários anos.

Exercite a sua mente:

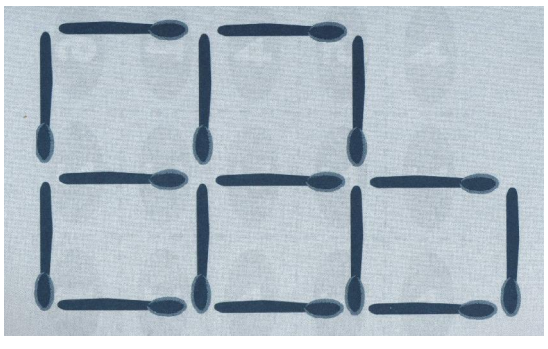
1. Se um tijolo se equilibra com três quartos de tijolo mais um peso de três quartos de quilo, quanto pesa um tijolo?

2. Há 5 anos a Mónica tinha quatro vezes mais anos que a sua irmã Maria e dentro de 5 anos terá o dobro da idade da Maria. Qual é a idade atual das duas irmãs?

3. Complete estes dois hexágonos com os números 2, 5, 9, 16 18 e 34 de modo que a soma dos números correspondentes aos vértices seja 100.



4. Retire três fósforos para ficarem três quadrados.



Visitas de Estudo...

Alunos do 11ºPC

Visita À VALNOR

No dia 28 de janeiro de 2016, nós, os alunos do Curso Profissional de Proteção Civil da Escola Básica e Secundária Pedro da Fonseca, fomos visitar a VALNOR em Avis e em Castelo Branco. Esta visita de estudo foi realizada no âmbito da disciplina de Meio Ambiente e Proteção Civil, com o objetivo de nos sensibilizar para a temática dos resíduos, nomeadamente no que respeita à sua valorização.

Assim, no Centro Integrado de Valorização e Tratamento de Resíduos Sólidos (CIVTRS) de Avis, a nossa visita foi amavelmente guiada e teve início sob um odor intenso a resíduos. Após uma breve exposição sobre a empresa e as suas áreas de intervenção, visitámos a central de valorização orgânica, onde são tratados os resíduos indiferenciados. Aqui, procede-se, primeiramente, à extração dos resíduos recicláveis e, depois, 95% dos resíduos sólidos seguem para a central de compostagem cuja atividade resulta num composto orgânico para uso no setor agroflorestal.

No exterior, observámos o aterro sanitário, onde são depositados os resíduos não valorizáveis (5%). Vimos, depois, que do aterro são extraídas as águas lixiviadas que são direcionadas para a respetiva estação de tratamento.

De seguida, percorremos vários centros de recolha e desmantelamento: de

veículos em fim de vida, de resíduos elétricos e eletrónicos, de resíduos volumosos, de pneus, de óleo alimentar usado, entre outros. Este último é transformado em biodiesel que é utilizado pelos camiões da empresa.

Por fim, na unidade de triagem automática de embalagens, os resíduos provenientes da recolha seletiva (plástico, vidro e papel) são preparados e encaminhados para as empresas de reciclagem.

Depois do almoço, fomos ao CIVTRS de Castelo Branco, cujas instalações são de menores dimensões, e onde são descarregados os resíduos sólidos recolhidos na zona a fim de serem preparados e transportados para as instalações de Avis. Nesta central de triagem, existe um aterro sanitário e uma estação de transferência, triagem e tratamento de resíduos de construção e demolição.

No final desta visita, concluímos que, enquanto consumidores, é fundamental uma participação ativa no processo de recolha seletiva, considerando os resíduos um recurso e viabilizando a reciclagem. Desta forma, auxiliámos o profícuo trabalho executado pela VALNOR que tem contribuído para o encerramento de várias lixeiras e a redução de resíduos biodegradáveis depositados em aterro sanitário.

Valorizar os resíduos, é aumentar a qualidade de vida!

Alunos do 11ºPC

A VALNOR

A VALNOR foi criada em 2001 e é responsável pela recolha, triagem, valorização e tratamento de resíduos sólidos, em 25 municípios, entre os quais ProençaaNova (concelho integrado em 2010). Esta empresa, com sede em Avis, no distrito de Portalegre, abrange uma área de cerca de 11 980 Km^2 e tem como objetivo a preservação do meio ambiente, através da prestação de um serviço de qualidade, no âmbito da gestão dos Resíduos Sólidos Urbanos (RSU) a cerca de 279 mil habitantes.

Efetivamente, o aumento de todo o tipo de resíduos torna indispensável não só que as populações adotem comportamentos responsáveis, como também a existência de estruturas, como a VALNOR, que procedam a uma gestão eficaz desses resíduos. Deste modo, a separação do lixo e a colocação dos materiais recicláveis nos diferentes ecopontos, por parte dos cidadãos, permitem que os RSU sejam recolhidos e transportados para a central de triagem, onde os materiais são triados e enviados para as empresas de valorização. Os RSU são, assim, tratados como uma matéria-prima com valor económico que contribui para o reforço da economia e a melhoria da qualidade de vida de todos nós.

O sistema de gestão de resíduos da VALNOR baseia-se na política dos 3R's: reduzir, reutilizar e reciclar. Esta política consiste na redução do uso de materiais de curta duração, na reutilização de certos materiais para fins diversificados e na reciclagem dos resíduos para criação de novos

produtos ou matériasprimas. Feito a partir da recolha seletiva, promovida pela VALNOR, o processo de reciclagem tem muitas vantagens, quer económicas, quer ambientais: valorização de matériasprimas, preservação dos recursos naturais; economia de energia e redução da quantidade de resíduos destinados aos aterros sanitários.

Desde a criação do CIVTRS (Centro Integrado de Valorização e Tratamento de Resíduos Sólidos) em 2004, a intervenção da VALNOR tem sido cada vez mais abrangente e a quantidade de materiais recuperados dos RSU e encaminhados para valorização e reciclagem tem aumentado anualmente.

Prof.ª Ana Maria Monteiro

Dom Quixote de La Mancha

Também eu senti o mesmo de tantos outros leitores e talvez essa seja umas das genialidades desta obra de que também sou Dom Quixote e também sou Sancho Pança.

"Num lugar da Mancha, de cujo nome não quero lembrar-me, não há muito tempo, vivia um fidalgo desses de lança no cabide, adaga antiga, rocim magro e galgo corredor.(...) É, pois, de saber que este sobredito fidalgo, nos passos em que estava ocioso – que eram os mais do ano – era dado a ler livros de cavalaria, com tanto apego e gosto que esqueceu quase por inteiro o exercício da caça e também a administração de sua fazenda;"

Assim começa o romance épico, em cerca de 1000 páginas, *O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de La Mancha, o cavaleiro da triste figura*, o livro mais traduzido e editado de sempre, a seguir à bíblia, escrito, dizem, no cárcere, por Miguel de Cervantes Saavedra. Celebra-se agora os 400 anos sobre a sua morte, aclamado como um dos nomes maiores da literatura universal e inspirador de muitos outros. Muitos dos seus leitores, editores e tradutores, questionam-se da razão em continuar a ser um livro tão lido na atualidade e lembro-me de alguém dizer que Dom Quixote lhe lembrava um cowboy como os do filme *The Cisco Kid...*

A realidade funde-se com a fantasia quando um fidalgo *perde o juízo,* secando-lhe o cérebro, após ler vários livros de cavalaria, *todos quantos pôde haver deles*, como o do famoso Feliciano de Silva, fazendo-se cavaleiro andante que comia lentilhas à sexta-feira. Cervantes conta-nos a história de como este "enlouquecido" cavaleiro andante se vai pelo mundo fora *com suas armas e cavalo a buscar as aventuras e exercitar-se em tudo aquilo que lera e que os cavaleiros andantes exercitaram.* Montando o seu cavalo rocinante, sempre acompanhado por Sancho Pança, escudeiro fiel, terra-a-terra, em busca de fama e dinheiro e que, apesar de ser um homem realista, é deslumbrado com a loucura do seu amo. Dom Quixote trava lutas com moinhos que confunde com cruéis gigantes, entregando o seu amor e a bravura de todos os seus feitos, em defesa dos oprimidos e com o objetivo de acabar com os males do mundo, a uma camponesa, Aldonza Lorenzo que confunde com a bela donzela Dulcineia del Toboso.

Apesar de cada um dos leitores ter uma versão diferente de todas as outras da obra, talvez possamos invocar aqui um dos filões interpretativos e representativos mais conhecidos, talvez o mais simplista, o contraste entre duas percepções diferentes de mundo, a loucura de Dom Quixote e o pragmatismo de Sancho Pança, um fiel escudeiro que reproduz os padrões sociais de comportamento, *movido pelo bom senso e* ridicularizando os devaneios do seu fiel amo, movido pelo fastio e desencanto, com a monotonia de um mundo que não aceita e ao qual tende a escapar pela fantasia. Nem a propósito, convido-vos a ler o ensaio do famoso e vosso tão conhecido filósofo, Michel Onfray "O real nunca existiu" – O princípio de Dom Quixote – Uma, contra-história da literatura, em que analisa o *conceito de denegação,* como o *Princípio do Dom Quixote,* remetendo para a necessidade do nosso fidalgo em desvincular-se da realidade, criando a sua própria, nos seus delírios livrescos, *convertendo uma ilusão num ideal ou verdade*. *O real mata quem quer que o encare, verdadeiramente, de frente; a ilusão permite evitar o encontro negativo que é o encontro com aquilo que é.*

Somente, no leito da morte, Dom Quixote "toma a sua cama pela sua cama" porque já perdeu o combate e talvez porque tome consciência de que o homem tem somente uma certeza: a morte que, inevitavelmente, o virá buscar.

"Onde Sancho vê moinhos Dom Quixote vê gigantes - Onde Sancho vê moinhos Dom Quixote vê gigantes"

Laura Eva Dias, 12ºB

Bienvenue chez les ch'tis

Na aula de sociologia, assistimos ao filme Bienvenue chez les ch'tis, acerca do qual, a nossa professora Ana Monteiro nos desafiou a fazer uma análise.

Imaginemos, por exemplo, que somos médicos, vivemos em Viseu, sonhamos ir trabalhar para Lisboa e, afinal, somos colocados no Alentejo profundo ou no norte de Portugal. Foi assim que a personagem Philippe Abrams se sentiu quando foi transferido para o norte da França, região que é vista por muitos sulistas como o pior local para se viver e cheia de Ch'timis (termo utilizado para identificar a população local). O filme francês inicialmente transmite a ideia de que o paraíso, para melhor viver, é a Riviera Francesa (Côte d'Azur) e, o inferno, seria ir morar para o norte do país. A cena de Philippe quando vai na estrada e é parado por um polícia, porque está a conduzir a uma velocidade baixa, é um bom exemplo, assim como, os comentários dos amigos quando regressa a casa. O intuito deste filme é provar que o paraíso não é a Riviera Francesa e o Inferno não é o Norte. A verdade é que o desejo de Philippe e da sua esposa era mudar para a Riviera e, por isso, fingiu que estava paraplégico. Esta mentira foi descoberta e, como punição, é transferido para uma cidade distante, Bregues, localizada na região Nord-Pas-de-Calais, no norte da França. Segundo um colega de trabalho (Jean Sabrier) ir para lá é pior do que ser demitido. O destino de Philippe é visto pelos sulistas como um lugar horrível: frio, chuvoso, habitado por pessoas rudes, "bêbados" e que falam um dialeto difícil de compreender, o Ch'ti. Para piorar a situação, Philippe, ainda vai procurar algumas dicas sobre o local com o tio-avô da esposa, o que só aumenta o receio dele. Philippe pergunta se faz realmente muito frio e o tio-avô responde que no verão a temperatura é suportável, cerca de zero ou um grau, mas que no inverno pode cair até 40 graus negativos. Quando Phillipe pergunta, apavorado, "-40 graus?", o velho conclui com uma voz taciturna: "Ces't Le Nord!". Quando chega à cidade de Bergues, é recebido por um funcionário dos Correios, Antoine Bailleul e é aqui que tem o seu primeiro contacto com o estranho dialeto local.

À medida que vai assumindo o seu novo cargo como gerente da agência de Correios e começando a interagir com os seus funcionários, tudo fica mais agradável. Há um certo humor ao longo do filme como por exemplo, na piada da bebedeira quando estão a entregar o correio pelas casas ou, na forma como todos enganaram a esposa do chefe, quando foi visitá-lo. Assim, todos os preconceitos e ideias pré-concebidas deixaram de existir aos poucos e poucos e, até, mesmo, ridicularizados (os preconceitos exagerados, o sotaque forçado e situações bastante rurais como o tocar do sino da igreja). Podemos então concluir, a partir do visionamento do filme, que todos temos ideias pré-concebidos sobre determinadas regiões do nosso país, seja do local em si ou das pessoas que o habitam.

No nosso país temos a ideia de o Alentejo ser uma região de muito calor, onde não chove, com vastos campos de plantação de cereais, onde as pessoas são maioritariamente idosas, com um sotaque esquisito, "muito lentos", que levam algum tempo a fazer as coisas, adoram dormir, etc. Isto é tudo verdade mas, na minha opinião, não podem ser tratados como pessoas "atrasadas" mas, sim, como pessoas que preservam a diversidade cultural do nosso país. E tenho a certeza que se fôssemos viver para esta região, embora no início a adaptação fosse difícil, rapidamente nos adaptaríamos a essa nova realidade e adquiríamos uma nova forma de vida, tal como Philippe e a mulher fizeram.

Equipa Eco-Escolas

ECO-ESCOLAS NA NOSSA ESCOLA

Durante o 2º período, os alunos da Escola Básica e Secundária Pedro da Fonseca responderam a um inquérito online de auditoria ambiental e, também, foi formado o Conselho Eco-Escolas, de onde fazem parte as professoras dinamizadoras do Programa, um representante da Direção da Escola, um representante do Município, um representante da Junta de Freguesia, um representante da Associação de Pais, um representante do pessoal não docente e todos os delegados de turma. Paralelamente, foram realizadas todas as atividades que constam no Plano de Ação delineado no início do ano letivo e retratadas nas imagens anexas. A escola, também, está a participar no projeto "Geração Depositrão", com a a recolha de REEE (Resíduos de Equipamentos Elétricos e Eletrónicos) pelo que se apela ao envolvimento de toda a comunidade escolar.

Os resultados da auditoria ambiental serão analisados na próxima reunião do Conselho geral do dia 20 de abril e o Plano de Ação será devidamente reformulado, de modo a colmatar alguns dos pontos fracos identificados.

Desdobráveis elaborados pelo 9º ano sobre alimentação saudável, malefícios do açúcar e das gorduras, nas mesas da cantina escolar

Palestra sobre valorização dos RSU (Resíduos Sólidos Urbanos), para os 2º e 3º ciclos

Exposição de trabalhos Tipos de Resíduos pelos alunos do 8º ano

Banca Eco-Escolas na atividade "PES… A MEXER"

Colocação de ecopontos (papelão e embalão) em todos os blocos da escola

Exposição sobre o Dia Mundial da Água (trabalhos do 5º, 8º e 11ºPC anos)

Recolha de resíduos no final da atividade "PES… A MEXER"

Visita de estudo às instalações da Valnor (Empresa responsável pela valorização de RSU)

Visita de estudo à ETAR e Barragem das Corgas (Alunos do 5ºAno)

Visita de estudo à ETAR e Barragem das Corgas (Alunos do 5ºAno)

DIA MUNDIAL DA ÁGUA

Dando cumprimento ao Plano de Ação do Programa Eco Escolas, os alunos dos 5º, 8º e 11ºPC elaboraram diversos trabalhos alusivos ao tema ÁGUA, que se encontram expostos no Bar dos alunos e nos blocos B e C até ao dia 5 de abril.

IMPORTÂNCIA DA ÁGUA

Os recursos de água doce não são inesgotáveis. É necessário preservá-los e, se possível, aumentá-los. Com o crescimento da população, a melhoria dos seus hábitos de higiene para uma melhor saúde e também com o desenvolvimento agrícola e industrial é cada vez mais difícil satisfazer as necessidades crescentes que o homem tem de água.

É preciso, portanto, aprender a considerar que a água é um património comum cujo valor deve ser reconhecido por todos. Cada um tem o dever de a economizar e da utilizar com cuidado. Cada um é responsável perante os outros pelo uso que faz da água. Desperdiçá-la é abusar de um património natural que é de todos.

Trabalho realizado por:

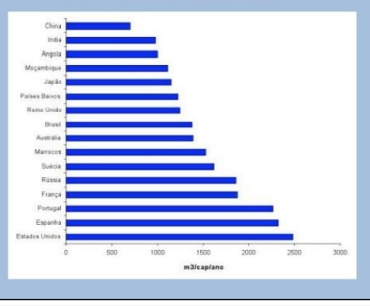
Matilde Silva Dias, nº16 8ºB

Disciplina: Ciências

Pegada Ecológica da Água

A Pegada de Água é, um indicador que mostra quanta água é realmente necessária para sustentar uma população.

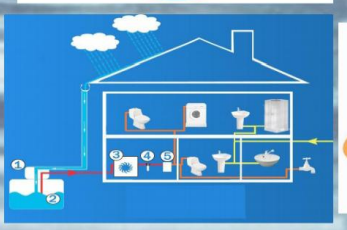
De cada vez que bebemos uma chávena de café, utilizamos 140 litros de água. Por cada quilo de carne de vaca consumido, utilizamos 16 000 litros de água. O fabrico de uma t-shirt de algodão exige o consumo de 2 000 litros de água. Muitos dos produtos que utilizamos diariamente exigem a utilização, direta ou indireta, de água, a qual é normalmente negligenciada nos cálculos de consumo de água.



A Pegada de Água média global é de 1243 m3 por pessoa por ano; este valor varia muito por país. A China e a Índia, por serem países muito populosos, têm Pegadas de Água inferiores; os Estados Unidos são o país com a maior Pegada; Portugal tem uma Pegada relativamente elevada, comparada com outros países europeus. Quanto maior o nível de desenvolvimento de um país, maior o consumo de produtos e maior a Pegada de Água.

Medidas de poupança de água

Aproveite a água da chuva, colocando um reservatório ou uma cisterna na rua. Pode utilizar essa água para lavar o pavimento ou o carro, no autoclismo ou para regar o jardim.



Inês Lobo Nº12 8ºA

O que é?

Fenómeno causado pelo excesso de nutrientes (compostos químicos ricos em fósforo ou nitrogénio) numa massa de água, provocando um aumento excessivo de algas.

Eutrofização

As principais fontes

São as atividades humanas industriais, domésticas e agrícolas – por exemplo, os fertilizantes usados nas plantações podem escoar superficialmente ou dissolver-se e infiltrarem-se nas águas subterrâneas e serem arrastados até aos corpos de água mencionados.

Trabalho realizado por:

David Nogueira

Nº5 11ª Pc

MEDIDA DE POUPANÇA DE ÁGUA

LIGAR AS MÁQUINAS

DA ROUPA E DA LOUÇA

SÓ COM CARGA COMPLETA!

Afonso Cristóvão 5º B

ESCOLA GERAÇÃO DEPOSITRÃO

NÓS RECICLAMOS!

Resíduos de Equipamentos Elétricos e Eletrónicos e Pilhas Usadas

traz o teu velho equipamento elétrico e eletrónico e coloca-o no Depositrão da escola sala C4

Colabora com o ambiente e dá uma nova vida aos resíduos de equipamentos elétricos e eletrónicos e às tuas pilhas e baterias

Escola Básica e Secundária Pedro da Fonseca - Proença-a-Nova

Eco-Escolas

Laura Eva Dias, 12ºB

BAILE DE GALA

Ao longo de todo o percurso escolar, sempre sonhámos com a nossa noite de Gala. Com cinco semanas de antecedência, começaram os preparativos: as raparigas com a preocupação dos seus vestidos e os rapazes atormentados com a aprendizagem da valsa.

Dia 27 de fevereiro de 2016, chegou o grande dia...! Uma noite de muito *glamour* e brilho, inspirado no tema 'Hollywood Night', traduziu o percurso de doze magníficos anos dos trinta e quatro finalistas.

Pelas 20 horas começaram a chegar ao restaurante "A Milita", os ilustres convidados: a família que está presente em todos os momentos, os professores que acompanharam o nosso crescimento e os amigos que quiseram partilhar connosco este dia tão especial. "Pouco depois" o miudinho nervoso, sentido pelos finalistas e o medo de cair, deu lugar à felicidade e à elegância demonstradas na passadeira vermelha, perante o olhar atento, emocionado e orgulhoso dos cerca de 400 convidados.

Combinando o notável do desporto com a exigente da geografia, coube aos professores, Natanael Costa e Ana Isidoro, a apresentação dos pares finalistas. Após a leitura de dois sentidos discursos das professoras Ana Isidoro e Teresinha Catarino, chegou o momento de humor. Apresentados em forma de quadras, com (in)diretas às suas qualidades e defeitos, desde o 'galã da Lameira', passando pela 'estrela dos teclados', até ao 'simpático leão', os pares de finalistas foram desfilando ao longo da passadeira vermelha, à boa maneira de Hollywood, suscitando gargalhadas do público. Finalizou-se o desfile com a tradicional valsa da meia-noite.

Com o fim do jantar, no salão apenas iluminado pela luz das velas, foram recordados os bons momentos da nossa amizade, não esquecendo os que já partiram através de um comovente vídeo realizado pelo António da Mata.

Este dia foi para todos inesquecível e, por isso, resta-nos agradecer a todos aqueles que, de forma direta ou indireta, o quiseram partilhar connosco.

em Entrevista...

Rúben Fernandes, 6ºA

ANA BERNARDO

No âmbito de um trabalho da disciplina de português, decidi entrevistar Ana Maria Alves Bernardo, mais conhecida por Ana Bernardo, gerente de um café com depósito de pão, junto à papelaria do centro, em Proença-a-Nova.

Foi com muita simpatia que a D. Ana aceitou responder às minhas perguntas, fazendo desta entrevista um momento único de convívio e boa disposição...

Rúben: Boa tarde, D. Ana! Desde já agradeço a sua disponibilidade para esta entrevista e vou tentar não ocupar muito do seu tempo.

D. Ana: Boa tarde, Rúben! Temos sorte... a esta hora há sempre pouca clientela.

Rúben: Vamos lá então começar...

Com que idade começou a trabalhar? E em quê?

D. Ana: Comecei a trabalhar muito pequena. O negócio da padaria, tendo sido criado pelos meus pais, levou-me a ajudar desde muito cedo nas tarefas exigidas. Ensinaram-me o fabrico do pão, a venda e o atendimento ao balcão.

Rúben: Foi escolha sua?

D. Ana: Claro que não! Posso dizer que esse trabalho foi imposto pelos meus pais. Antigamente os filhos ajudavam nas tarefas domésticas e nos negócios...

Rúben: Porque é que decidiu continuar no ramo da padaria?

D. Ana: Eu não tinha outra alternativa. Adoraria ter estudado mas os meus pais não tinham hipótese de me pagar os estudos. Eram dispendiosos já nessa altura. Tínhamos, então, eu e as minhas duas irmãs, que trabalhar para o sustento do dia-a-dia.

Rúben: Os seus filhos mostram-se interessados em continuar o seu legado?

D. Ana: Sim, eu tenho dois filhos, um menino e uma menina e, mesmo com profissões diferentes, profissões que eles escolheram, mostram-se interessados, especialmente a minha filha, em continuar este negócio de família. Também já sabem fabricar o pão e os bolos.

Rúben: Hoje em dia, considera que as pessoas ainda preferem ir à padaria ao invés de um supermercado comum? Porquê?

D. Ana: Sim, noto que as pessoas ainda escolhem a padaria, talvez por ser um sítio mais familiar, com mais convívio.

Aqui, por exemplo, vêm buscar o pão fresco e aproveitam para fazer um dedinho de conversa. Isso também é muito importante.

Além disso, o pão embalado perde um pouco das suas propriedades.

Rúben: A sua clientela é habitual?

D. Ana: Sim, todos os dias tenho os mesmos clientes e, claro, alguns clientes de passagem que, muitas vezes, voltam.

Rúben: A nível da clientela, diria que é mais constituída por adultos e idosos ou jovens? E porquê?

D. Ana: A clientela é mista, mas sim, a maioria é constituída por adultos e idosos. Os jovens vêm com alguma frequência à procura de bolos, pastilhas. Os adultos consomem mais.

Rúben: O que sente que mudou nos últimos anos com a crise económica?

D. Ana: Noto que, infelizmente, a clientela é menor. As pessoas têm menos poder de compra e tentam reduzir o consumo.

Rúben: Pretende realizar algumas modificações neste ramo?

D. Ana: Não, com esta crise é quase impossível pensar em mais despesas.

Rúben: E expandir?

D. Ana: Também não... Já temos a padaria em si, onde fabricamos, um depósito de pão e este café. Isso tudo exige trabalho e custos.

Rúben: Dedica muito do seu tempo a este negócio? Quantas horas?

D. Ana: Sim, dedico muito tempo... mesmo muito tempo. Para teres uma noção dos meus dias, começo a trabalhar às 06h00 horas da manhã e termino por volta das 22 horas. Além do trabalho da padaria, também tenho a contabilidade.

Rúben: Atualmente, tem quantos empregados?

D. Ana: Temos doze trabalhadores (amassadores, forneiros, distribuidores) incluindo o meu marido. O trabalho ainda é muito manual, embora haja máquinas para alguns serviços, tentamos manter alguns padrões antigos.

Fornecemos pão ao Intermarché, mini-preço, Santa Casa da Misericórdia e ao Centro de dia da Várzea. Também temos distribuidores para as aldeias.

Rúben: Se pudesse recomeçar do início, faria as mesmas escolhas?

D. Ana: Sim, faria sem dúvida. É com muito gosto que trabalho todos os dias, mesmo com muito cansaço. É muito gratificante.

Rúben: Sente-se realizada?

D. Ana: Sim, muito realizada. O meu pai, que já não está entre nós, infelizmente, soube escolher por mim. Convivo com as pessoas, trabalho para elas... é lindo.

Rúben: Que conselho daria a um jovem que quisesse abrir uma padaria?

D. Ana: Diria a este jovem que uma padaria é um negócio sustentável, rentável, mas que exige muita dedicação e trabalho.

Rúben: Já agora, será que posso tirar uma fotografia para ilustrar a minha entrevista?

D. Ana: Claro que sim, com todo o gosto!

Rúben: Muito obrigado pela entrevista D. Ana, por ter sido tão prestável ao longo de todo o seu decorrer. Continuação de muito sucesso e, claro, terei todo o gosto em mostrar-lhe o resultado final.

D. Ana: Obrigada eu! Bom trabalho!

Liliana Dias, 8ºB

O CARNAVAL...

O Carnaval de Portugal foi exportado para antigas colónias, sendo a principal a do Brasil (por volta de 1723).

Este sempre teve características bastante diferentes das dos outros países da Europa, sendo reconhecido também por autores portugueses. Antigamente, as pessoas mascaravam-se, pregavam partidas e desfilavam pelas ruas... O Carnaval de hoje em dia ainda é um Carnaval com muita tradição e diversão, como por exemplo o Carnaval de Torres Vedras, pela utilização dos "Cabeçudos", o Carnaval de Trás-os-Montes pelos "Caretos", entre outros. Em algumas localidades, faz-se uma imitação do Carnaval do Brasil, com bailarinas a dançar o Samba, quase seminuas, com asas de penas, e claro com imensas pinturas corporais.

Na minha opinião, em Portugal, o Carnaval devia festejar-se com as nossas tradições, ou seja, com a utilização dos "Cabeçudos", dos "Caretos" e dos desfiles.

em Entrevista...

Raquel Encarnação, 8ºA

PINTOR CARLOS FARINHA

O pintor Carlos Farinha nasceu em 1971, em Portugal. Os seus pais emigraram e passou a sua infância e parte da sua adolescência no norte de França. Voltou para Portugal, em 1985, para uma pequena aldeia da Beira Baixa. Dois anos depois, foi para uma escola especializada em Artes Plásticas, Escola António Arroio, em Lisboa e, mais tarde, completou o curso de escultura na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa.

Como surgiu o seu interesse por pintar?

Naturalmente. Tinha um jeito natural para desenhar. Sem pensar demasiado, o meu percurso fez-se calmamente.

Teve formação artística? Qual?

Sim, fiz a secundária na Escola António Arroio, em Lisboa, e a faculdade de Belas-Artes, em Lisboa.

Sofreu influências por parte de alguém na família que fosse artista? Pintores na família?

Sim, tinha um primo pintor, o Ribeiro Farinha, de uma geraçâo mais velha.

Quando pinta, inspira-se numa temática, num objeto exterior a si, ou é puro exercício de intelectualidade?

Acho que tudo está interligado entre si, a temática é muito importante, mas desenvolver uma estratégia é uma prática essencial. O processo criativo é algo que se constrói nas suas diferentes vertentes, englobando a intelectualidade ou, a cópia, passando pelo contexto.

Quais foram ou são os seus «Mestres» no mundo da arte?

São variadas as minhas influências, desde Brughuel, Bosch, Hopper, NeoRauch, Borremans e Paula Rego.

Qual foi a obra que mais gostou de pintar? Porquê?

Para mim, não tenho esse tipo de afeto. O que gosto é de pintar. Cada quadro tem os seus desafios e, os de maior dificuldade, são os que me dão mais gozo.

Que reações a sua obra tem suscitado nas pessoas?

Tenho recebido muitas manifestações de carinho e as pessoas, em geral, apreciam bastante o meu trabalho.

O que pretende transmitir com a sua obra?

Eu sou um contador de histórias, por vezes ilustrativo, outras vezes irónico ou mesmo contemplativo. O que me motiva é a eficácia de transmitir uma emoção, um pensamento ou, apenas, uma fruição.

Em que corrente artística se insere?

Não me consigo definir numa corrente, embora seja figurativo. A minha pintura é essencialmente de autor. Tenho um discurso plástico muito próprio. É pessoal.

Pinta para um estrato social específico? Qual o seu público-alvo?

Não penso em termos de estratos sociais nem em público-alvo. Tenho, essencialmente, de gostar do que faço.

A arte, na atualidade, sofre de alguma forma os efeitos da cultura de massas?

É inevitável, a internet criou uma globalização, onde a informação está à distância de um clique, influenciando tudo e todos.

As suas temáticas condicionam as técnicas? Ou vice-versa?

De alguma forma, sim, independentemente do que faço, altero as técnicas para reforçar a linguagem que pretendo transmitir.

A pintura constitui uma necessidade, uma vocação ou uma exigência para si?

Sinto-as de uma forma natural, sem stress. Faço as coisas calmamente, mas sempre com o sentido da criação de uma obra.

A sua obra tem notoriedade. Que prémios já recebeu até ao momento?

É difícil medir a notoriedade, sobretudo numa época em que os valores e a exposição mediática deturpa muito a construção de uma obra. Já recebi cerca de 12 prémios, sendo o último o Prémio Nacional Vidartes - a arte contra a violência doméstica.

Já teve exposições no estrangeiro? Onde?

Sim, duas exposições individuais: uma em Paris e outra em Macau.

Mas já expus coletivamente na Alemanha, em Espanha, na Itália e na Turquia.

Certamente que pintará até que os dedos lhe doam, não?

Gostaria muito. Vamos ver o que o futuro ditará.

ENTREVISTA A UM ARTESÃO

Tiago Sequeira, 8ºB

Num mundo cada vez mais industrializado, os artesãos são muito procurados por aqueles que querem não só uma peça única, mas também uma peça que complemente, verdadeiramente, as suas necessidades e o espaço onde vão habitar.

Esta é uma pequena entrevista feita ao artesão Eduardo Ribeiro Sequeira que trabalha em madeira.

-Como tudo começou?

Quando o meu pai me tirou da escola e me pôs a aprender um ofício com 14 anos. Este gosto pela madeira vem do tempo em que comecei por fazer pequenos trabalhos com restos de madeira que trazia do senhor Daniel Lourenço onde comecei a trabalhar pela primeira vez. Passados dois anos, fui trabalhar como aprendiz de carpinteiro para uma carpintaria, em Proença-a-Nova.

-Quais as suas habilitações literárias?

Tenho apenas o 6.º ano da Telescola.

-Não gostaria de ter estudado mais?

Sim, mas naquela altura todos tínhamos de começar a trabalhar cedo para ajudar em casa, pois eram tempos de dificuldade.

-Além de artesão exerce outra profissão?

Sim, sou carpinteiro, já trabalho nesta profissão há 29 anos.

-Quem lhe ensinou o empalhamento e torneamento das cadeiras que faz?

Foi o senhor Manuel de Giesteiras Cimeiras, já falecido que me ensinou a sua arte, pois mais ninguém quis aprender. Sinto-me feliz de ter podido aprender esta arte e não a ter deixado desaparecer.

-Como caracteriza o seu estilo?

O meu estilo é muito diversificado.

-Qual a matériaprima que mais utiliza?

Utilizo a madeira de pinho e a palha que vou apanhar a Nisa mas, noutros trabalhos utilizo outras madeiras nobres como o mogno, o carvalho, a faia, o vang, o freixo, entre outras….

-Pode dar exemplos de coisas que faz?

Sim, faço cadeiras e bancos em palha, cavalinhos, carrinhos de madeira para as crianças aprender a andar, cantareiras, bancos, recupero móveis antigos, etc…

-Como é o começo de cada peça? Existe alguma fonte de inspiração ou surge como certa naturalidade?

Surge naturalmente. Cada peça é como um filho único.

-Em termos de projetos, a médio prazo, qual é o seu objetivo como artesão?

Assumo-me como artesão e os meus objetivos serão sempre os de melhorar a minha técnica e, assim, dar melhor resposta aos desafios que surjam.

em Entrevista...

LUÍS PORTUGAL

"Luís Portugal nasceu em Vila Real a 22 de maio de 1957. A partir dos doze anos de idade, começa a subir aos palcos, em grupos musicais dos estabelecimentos de ensino que frequentava. Em 1977, é convidado a integrar o grupo JAFUMEGA e, juntamente com Eugénio, Pedro e Mário Barreiros, José Nogueira e Álvaro Marques, deixa-nos um dos legados musicais mais importantes da música moderna portuguesa.

Em fevereiro de 2006 é lançado o livro infantil de José Guedes, "Olhos do Coração", que inclui um CD musicado e produzido por Luís Portugal. É responsável pela produção e composição musical dos projetos escolares "Saltitão", "Carochinha e as Letrinhas" e da coleção Tic Tac, cinco volumes de aprendizagem da língua inglesa para crianças."

Atualmente, também é programador cultural de um município, como referiu ao nosso Jornal.

N.G.– O que o levou a enveredar por este projeto didático com crianças? Influenciou-se nos seus filhos?

L.P.– Sim, o contar histórias aos meus filhos. Depois, também, foi um desafio feito por um conterrâneo meu que estava ligado à indústria livreira, mais concretamente, infantil. E já que eu fazia canções para adultos e por que não o fazia para crianças? Inicialmente, fiquei sem saber se havia de experimentar ou não, porque é muito diferente compor para crianças e para adultos. Nós temos de ter o cuidado de elas imbuir aquilo que nós lhes estamos a dizer.

N.G.– Onde se inspira?

L.P.– Inspiro-me, sobretudo, no dia-a-dia, na matéria delas, para lhes dar outros voos que não sejam só o livro. Aliás, isto serve para lhes alargar todos os seus pensamentos, os seus sonhos. E, também, nas próprias crianças e nas coisas que se passam comigo, pois eu estou muito ligado à música, à cultura.

N.G.– Faz este trabalho infantil há dez anos?

L.P.– Para trabalho infantil, há mais de dez. Fui acompanhando alguns projetos educativos. Até que, o ano passado, lancei o repto à editora para fazer uma compilação de tudo aquilo que tinha feito durante esse tempo e publicar este trabalho.

N.G.– Que enriquecimento pessoal tem retirado deste projeto.

L.P.– As crianças são as mais diretas e é o público-barómetro que nós devemos seguir porque, se gostam, gostam, se não gostam, não gostam. A minha satisfação é ver que elas aderem àquilo que eu faço.

N.G.– Agora divulga o trabalho pelas escolas de todo o país?

L.P.– Onde me pedem para vir e, onde eu posso, mediante a minha disponibilidade, pois tenho outros projetos, sou programador cultural de um município e isso ocupa-me bastante tempo. Mas, sempre que posso, tenho o maior gosto, porque estou junto a eles e, portanto, consigo perceber a satisfação deles, das coisas que estão mal, as que não foram tão bem conseguidas e que devo alterar.

N.G.– O que tenta transmitir aos mais pequenos?

L.P.– O mais importante é perceber que nós temos de ter o

cuidado de lhes transmitir algo que seja importante no seu crescimento e, aquilo que nós lhes transmitimos, eles vão apreender. Se for algo errado, ou algo que não os ajude a crescer como seres humanos, isso é mau; portanto temos de ter esse cuidado quando trabalhamos com os mais pequeninos. É isso que eu tento, mediante os valores que eu transmiti aos meus dois filhos.

N.G.– Desejamos que o concerto corra bem e obrigada por esta pequena entrevista.

L.P.– Há-de correr! Obrigado eu.

Prof. Alfredo B. Serra

Aprender com "As canções da minha escola"

de Luís Portugal (Jafumega)

Em autêntica e peculiar ação didática, Luís Portugal deu espetáculo musical para a pequenada com as suas "canções da minha escola", para aprender de forma divertida!

Aconteceu no dia 25 de fevereiro de 2016, no auditório municipal de Proença-a-Nova. Os alunos do 1.º CEB das escolas de Proença-a-Nova e de Sobreira Formosa, encantaram-se e cantaram com a atuação do vocalista do Grupo Jafumega. A cantar a solo com acompanhamento de guitarra portuguesa, Luís Portugal cantou e fez de ventríloquo com bonecos-fantoche miméticos de animais na ponta dos dedos e piadas que deliciaram a criançada, durante cerca de uma hora de animação musical, com canções que promovem o aprender a brincar, no caso, em prova provada, de que a cantar também se aprende a ler e a contar, a fazer contas e a compreender a magia dos sentidos.

No final, houve, ainda, tempo para uma sessão de autógrafos por Luís Portugal que entusiástica e carinhosamente assinou os livros e até simples pedaços de papel que os pequenitos lhe apresentavam de olhitos esbugalhados.

Assim se aprende e, nestas aprendizagens significativas da escola, se guardam memórias para uma vida.